

## Conferência

### O DOM DOS 50 ANOS DA CVX

María Magdalena Palencia  
Gómez

Dia 4 - 25 de Julho 2018



GUIDE

#### À ASSEMBLEIA MUNDIAL CVX – BUENOS AIRES 2018

Início esta partilha com uma memória que me é especialmente cara e permanece presente no meu coração, que me tem acompanhado de forma agradável ao longo de mais de trinta e sete anos e que se fez muito viva quando fui convidada a estar aqui hoje:

Refiro-me à última ocasião em que tive a oportunidade de me encontrar com o Padre Arrupe, durante a Semana Santa de 1981: como em outras ocasiões, chegámos para a nossa reunião de ExCo à Villa Cavalletti, e ali coincidimos por vários dias com um grupo de provinciais recentemente nomeados que celebravam, juntamente com o Padre Geral e os seus assistentes, algo semelhante a uma sessão de iniciação; neste caso, a sessão decorria em inglês e todos os provinciais vinham da Ásia. Como em outras ocasiões, também tínhamos tido um encontro formal em que partilhámos com os provinciais informações sobre a Comunidade Mundial e a sua relação próxima com a Companhia, e vários encontros e conversas informais no final das refeições ou das pausas para café. A sua reunião terminaria antes da nossa e convidaram-nos para celebrarmos juntos a Eucaristia antes de partirem.

Coincidiu ler-se, de acordo com a liturgia do tempo, a narração do Livro do Génesis (Gen, 17) que faz referência à passagem em que Deus estabelece aliança com Abrão, o confirma na sua missão de pai de uma multidude de povos e lhe promete a posse de uma terra; e Deus, prometendo fidelidade divina, pede a mesma fidelidade de Abrão e de todas as gerações futuras. Esta aliança entre Abrão e Deus é selada com a circuncisão e com uma **mudança de nome**; daquele momento em diante o nome do patriarca será: Abraão.

Presidia à eucaristia o P. Provincial da Coreia, que por sua vez refletiu e fez alguns comentários sobre o profundo significado que tem, ainda hoje, uma **mudança de nome** no mundo oriental e sobre o que representou também durante muitos anos para muitos religiosos e religiosas, enfatizando a forma como o nome identifica não apenas a pessoa mas a sua missão; a força da renúncia a uma identidade prévia que esta mudança implica e no que supõe de uma aceitação de uma missão e de uma nova ou renovada identidade... então fomos convidados a fazer alguns pedidos ao Senhor ...

Já se haviam expressado alguns pedidos quando o Padre Arrupe fez o seguinte comentário – não posso assegurar-vos que foram exactamente estas as suas palavras mas tenho a certeza da coincidência de, pelo menos, algumas delas e nunca me esqueci do seu conteúdo: *“Há alguns anos, as Congregações Marianas foram chamadas por Deus a uma mudança identitária, a uma nova maneira de ser. Como Abraão, responderam com generosidade deixando as suas seguranças e certezas, aceitando mesmo a morte que significou um novo nome “Comunidades de Vida Cristã”, que implica também em si mesmo o significado da Missão a que são chamadas...”* e pediu pela Comunidade Mundial, pelo seu crescimento e consolidação, pela sua fidelidade à Missão e para que o seu serviço ao mundo e à Igreja seja sempre o melhor serviço.

Depois do almoço, aos despedirmo-nos dos que iam embora, aproximei-me do Padre Arrupe, e, como pudemos conversar alguns minutos enquanto tomávamos café, agradeci-lhe pessoalmente a petição que tinha feito e por tudo o que nela tinha expressado sobre o que é (identidade) e o que deve fazer (missão) a CVX; ele respondeu-me: *“que assim seja”*.

Como já mencionei, esta terça-feira da Semana Santa foi a última oportunidade que tive de conversar com o Padre Arrupe. Uns meses depois chegou-nos a notícia do AVC que tinha sofrido no regresso da sua última viagem às Filipinas, sempre em fidelidade à Missão e em serviço ao mundo e à Igreja. Conservei sempre no meu coração esta pequena história, e pude partilhá-la em algumas ocasiões – incluindo nalguma publicação da Progressio – e para mim, ela expressa bem a vontade do Padre Arrupe para a CVX.

E foi a recordação deste encontro e legado, que me levou, uma vez mais, a reler a história de Abraão para, também, a partir dela, reler, comparar e iluminar o caminhar da nossa Comunidade de Vida Cristã...

Cada itinerário, cada discernimento em busca da vontade de Deus, começa com um sonho. Uma utopia que, ao afastar-se do nosso alcance alguns passos, por cada um que damos, nos desafia a prosseguir caminho, a manter a busca. O que é isto se não o Princípio e Fundamento, com o qual desejamos o nosso sonho ou confirmamos a nossa utopia, de cada vez que começamos os nossos Exercícios Espirituais?

O sonho de Abraão é o cumprimento da promessa, uma descendência tão grande que ninguém conseguirá contá-la e a posse de uma terra. Os dez capítulos do Livro do Génesis [12-22] vão desde a menção dos antepassados e do sítio em que Abraão vivia até ao sacrifício de Isaac. Percorrê-los leva-nos a entrar novamente na *história do chamamento e do “deixa a tua terra”... a bênção de Deus que se estende a todas as nações; os perigos que enfrenta...; as tentações...; as quedas e recomeços...; as inevitáveis separações ou aparentes divisões, as impossibilidades de caminharem juntos... [ 16] a renovação da promessa, Agar e Ismael, ... e vem Mambré [ 18]... o encontro com o Deus Trindade, com o estrangeiro a quem recebe, acolhe e serve... de quem recebe novamente a promessa, agora renovada, da velhice, a aparente esterilidade de Sara e a sua falta de fé... o nascimento de Isaac... Não passes diante*

*do teu servo sem te deteres... [ 22] o sacrifício de Isaac... tudo o que há que entregar, deixar; a confiança e total abandono na promessa, em Deus que nos propõe caminhos que não são os nossos, ou o nosso modo de fazer as coisas, mas que nos vai conduzindo em liberdade de afetos, de apegos, com indiferença, até ao “Deus proverá...” ao ‘só Deus como centro e como tudo’...*

As Congregações Marianas iniciam o seu processo comunitário de busca da vontade de Deus como Abraão inicia o seu, sem saber para onde vão... vivem um tempo como o estrangeiro, habitando em tendas, meio desnorteadas,... no que é temporário e não no definitivo... de maneira itinerante... esperam uma cidade com fundações fortes... e mais que uma cidade se lhes dará um caminho... serão peregrinas, como os sucessores de Abraão, Isaac, Jacob e a sua descendência... em movimento, em escuta, atentas às promessas....

O chamamento começa a ser escutado em 1948 quando, a 27 de Setembro, o papa Pio XII promulga a Constituição Apostólica *Bis Saeculari*, na qual faz grandes elogios às Congregações e as convida a olharem-se a si mesmas...; é a partir desta autocontemplação que o Senhor faz nascer A MOÇÃO: rever-se, regressar às suas fontes, dispor-se a atualizar em muitos lugares o seu serviço, quase tetracentenário, à Igreja... os primeiros passos levaram aos primeiros encontros internacionais, a uma nova maneira de se articular e à constituição de uma Federação Mundial que é aprovada oficialmente pela Santa Sé em julho de 1953.

Estes primeiros passos, ao início titubeantes e posteriormente firmes, falam-nos desta resposta a esta PRIMEIRA MOÇÃO. O primeiro ExCo eleito em *Roma’54* responderá com rapidez ao mandato recebido como: “o Congresso de Roma deve ser ponto de partida para uma renovação universal” e em *Newark’59* irá decidir-se começar imediatamente a elaboração das novas regras, dando-se assim um primeiro passo na direção dos Princípios Gerais; pela primeira vez fala-se de apostolado internacional e insiste-se na promoção dos Exercícios feitos “de forma integral, ou pelo menos durante o maior tempo possível”.

No final dos seus primeiros dez anos, a Federação Mundial acredita ter clara a confirmação do chamamento, mas os ‘como’ tardavam em concretizar-se. Ainda tínhamos que discernir, esperar pelos tempos do Senhor que nem sempre são os nossos; a celebração do Concílio que renoverá a vida da Igreja pede-nos, em fidelidade a esta, para não definirmos os nossos passos sem ter as suas orientações mais precisas. Na assembleia de *Bombay’64* já se falava em mudar o nome das Congregações Marianas, mas ainda houve uma pequena maioria que o rejeitava... ainda tínhamos que discernir.

O P. Paulusen descreveu uma vez a Assembleia de *Roma’67* como: “quase uma nova fundação”. E é preciso ter presente que não foram apenas as Congregações Marianas a renunciarem às suas seguranças ou privilégios; antes disso, o P. Janssens tinha renunciado, em favor dos leigos, ao direito de autoridade, restrito ao Geral da Companhia, de ‘dar ou mudar as regras das Congregações Marianas’; e impulsionou e animou uma larga consulta que (com os meios disponíveis dos correios da época poderia demorar semanas ou meses) se realizou antes desta assembleia, e na qual, pela primeira vez na nossa história, uma “assembleia constituinte” mundial formulou os seus próprios documentos. Os escritos relatam: “uma reunião plena de dinamismo, de testemunhos comovedores de uma crescente

unidade na diversidade e, sobretudo, de grande caridade. Dias repletos de espírito e de ação”.

À semelhança do que aconteceu com Abraão na aparição em que o Senhor estabelece aliança com ele, para a CVX a Assembleia de *Roma’67*, que deu origem ao jubileu que agora celebramos, foi também um momento de Aliança e um novo ponto de partida: *Novos Princípios de base, novos estatutos, nova estrutura jurídica, um novo nome e uma nova missão comum: “lutar contra a pobreza e a injustiça”*.

Não é minha intenção fazer um comentário pormenorizado de cada uma das Assembleias Gerais, sobre as quais já existe suficiente documentação; vou fixar-me, sim, em algumas MOÇÕES, as que considero mais recorrentes, com as quais o Senhor nos tem demonstrado a sua fidelidade, renovando o seu chamamento e iluminando o nosso caminhar. Por isso, só relembro e enumero as Assembleias até esta data, com um breve apontamento.

Do entusiasmo ‘fundacional’ de *Roma’67* passamos à prova de fogo. A nossa assembleia em *Santo Domingo’70* fez-nos compreender a necessidade de nos prepararmos para que, como já dizíamos nos nossos documentos, **o discernimento comunitário fosse realmente o nosso método específico para encontrar a vontade de Deus**. Ali fomos confrontados com os enganos do mau espírito (“moção do mau espírito”); o tema proposto “A crise na Igreja” repercutiu-se também na nossa própria crise, que vivemos profunda e dolorosamente quando a Assembleia esteve a ponto de se dissolver por diferenças pessoais, com o abandono de algumas delegações, as tensões e hesitações na busca de soluções e a alteração radical do programa previsto.

No entanto, foi uma crise saudável, que nos tornou conscientes da nossa vulnerabilidade e que levou o ExCo, finalmente eleito, a enfrentar as suas consequências e a especificar as reações de Santo Domingo nos seguintes pontos: “Os Exercícios Espirituais como elemento fundacional comum e a aplicação fiel dos Princípios Gerais, nossa Missão Comum” .

Aceitar a necessidade de nos prepararmos melhor para a nova realidade a que nos reconhecíamos chamados levou a diferentes ensaios e encontros e moveu os responsáveis a propor um novo tipo de ‘encontro mundial’. As experiências primeiro em *Roma-Augsburgo’73*, e depois em *Manila’76*, foram a resposta àquilo que se viveu em *Santo Domingo*; as ‘Assembleias’ ficaram marcadas pela experiência dos Exercícios Espirituais e de Cursos de Formação. Estas experiências prolongaram-se também originando a multiplicação de jornadas semelhantes, em espírito e método, a diferentes níveis: nacional, regional e continental. Alterou-se a dinâmica das nossas Assembleias, procurando sempre ter o tempo suficiente para a oração e reflexão pessoal e para a deliberação comum em pequenos grupos, ao mesmo tempo que se reduziu o tempo para os ‘assuntos’.

Em *Augsburgo* definimos o nosso serviço como “libertar todo o homem e a todos os homens”. Rapidamente nos sentimos movidos a comprometermo-nos com o apostolado internacional e até mesmo pela participação que nos seria pedida mais tarde com a nossa presença em algumas instâncias das Nações Unidas. E em *Manila*, ao reafirmar o nosso estilo de vida de “pobres com Cristo”, enfatizávamos novamente esta nossa opção “para o melhor serviço; a vocação CVX na missão da Igreja”.

Em *Roma'79* tomámos consciência do dom da comunidade reconhecendo que também somos “Uma Comunidade Mundial ao serviço de um único Mundo”; o que viemos a confirmar em *Providence'82* ao assumirmo-nos como “Uma Comunidade em Missão para promover a Justiça”, que renovou a nossa preferência pelos pobres e marginalizados e que assumiu a importância do estudo das análises sociais.

*Loyola'86* foi uma assembleia totalmente focada na Missão, contemplando “Maria como Mãe e Modelo da nossa Missão”. *Guadalajara'90* enfatizou modos de responder a “Um melhor serviço ao Reino”, aprovou os novos Princípios Gerais e enviou-nos a dar fruto como corpo apostólico.

Em *Hong Kong'94* propusemos que a nossa resposta deve ser “a melhor resposta ao chamamento de Cristo a partir do mundo em que vivemos”, desejosos de levar já a todos esse fogo que arde, do nosso contexto pessoal àquele a que somos enviados. Em *Itaici'98*, no contexto de um mundo em vigília por uma alteração de milénio, descobrimos três áreas de Missão Comum e um conjunto de meios necessários para a realizar.

Pela primeira vez em África, em *Nairobi'03*, partilhámos os nossos sentimentos e moções desejosos de amadurecer como Comunidade Apostólica, “enviados por Cristo e membros de um só corpo”. E com esse desejo de “avançar como um corpo apostólico”, em *Fátima'08*, na presença de Maria, e reunidos ao redor de Jesus para lhe contar o que tínhamos feito, ensinado e aprendido, recebemos o desafio a “viver como uma comunidade profética”.

Finalmente, há apenas cinco anos, a Assembleia realizou-se no *Líbano*, não apenas para alargar a nossa peregrinação ao redor do mundo fazendo-nos presentes no Médio Oriente, mas também para mostrar a nossa solidariedade com os que sofrem nessa terra bíblica, traçando-se quatro “fronteiras a que temos de chegar a partir das nossas raízes”.

Em cada Assembleia, cada reunião do ExCo, cada encontro continental ou nacional, o Senhor, fiel no Seu amor, confirmou-nos ao seu chamamento, à missão e à identidade... as MOÇÕES com que carinhosamente toca os nossos corações continuam a alimentar o sonho e a guiar os nossos passos; mas o caminho do Reino sofre sempre a violência dos enganos do mau espírito e do seu desejo de dividir, de fazer duvidar, de atemorizar... e em mais de uma ocasião também nós hesitámos e adiámos a nossa resposta.

Desde o texto da Constituição Apostólica de Pio XII, e em cada uma das nossas assembleias, que nos sentimos chamados – MOVIDOS – a beber das nossas fontes; a reconhecer a *Espiritualidade Inaciana laical* como o carisma com que fomos presenteados e a considerar os *Exercícios Espirituais* como o instrumento específico da nossa espiritualidade. Não faltaram os enganos do mau espírito que, nos primeiros anos, tornou evidentes algumas objeções: havia quem considerasse que os Exercícios eram ‘exigências inoportunas’, ou quem mostrasse resistências usando o argumento de que, agora que tínhamos sido pública e oficialmente reconhecidos como associação laical, ‘parecia discordante’ a exigência de algo que, de alguma maneira, tinha sido, e continuaria a ser, reservado aos que optam por uma vida religiosa ou aos presbíteros; nem faltava também quem, de entre ‘os guias e diretores de Exercícios’, considerasse que a maioria dos leigos não eram ‘sujeitos’ se não para as experiências mais suaves que Inácio sugere para os ‘simples e rudes’. Hoje, graças a Deus, o reconhecimento da importância e do fruto dos EEs, nas nossas vidas pessoais e em toda a

Comunidade CVX, está presente e é amplamente sentido. Daqui resulta que, em muitos lugares e nas circunstâncias mais singulares, os membros da Comunidade os procurem e promovam, e se preparem cada vez mais leigas e leigos para guiar outros quer na experiência dos Exercícios Espirituais, quer na vivência das pequenas comunidades e em Comunidade alargada, fruto da convicção que aprender a discernir e a manter a liberdade de orientar o nosso ser e querer para o serviço do Reino é fundamental.

A Assembleia de Manila, pelas condições de carência em que se celebrou, fez-nos experimentar de uma forma muito especial a simplicidade que deve caracterizar o nosso *estilo de vida*. A situação que ali vivemos, e que pudemos partilhar com irmãos e irmãs dos bairros de Manila, tal como quando vários anos depois em Nairobi foi possível visitar a área de Kibera, levaram-nos a expressar em voz alta a MOÇÃO de querer imitar a Cristo pobre; vivendo num *estilo de vida simples* que nos faça parecer com Ele na maneira como Ele viveu. Temos testemunhos muito vivos e edificantes de opções de entrega total e de ações comprometidas com os doentes, os migrantes, com alguns camponeses e outros grupos excluídos; ou com um compromisso radical e decidido pela defesa do meio ambiente. Acredito, no entanto, que os enganos do mau espírito ainda se fazem presentes; tanto nas muitas vezes em que a nossa ação se inscreve num ‘por ou para’ os pobres sem conseguir chegar a ‘com e junto dos pobres, unidos a estes nas suas lutas e esperanças’; como também por um certo elitismo no interior da nossa comunidade, que, em muitas ocasiões, nos impede de dar o passo final para que esse desejo de imitar e seguir Jesus, e a nossa manifestação de verdadeira solidariedade para com os mais débeis, se expresse não apenas no nosso atuar em seu favor, mas sobretudo na partilha das suas circunstâncias o mais próximo possível recebendo-os entre nós, acolhendo-os, e considerando um dom e uma bênção especial de Deus para nós que o Senhor chame irmãos e irmãs mais pobres a ser parte da nossa Comunidade.

Pessoalmente, identifico como a MOÇÃO MAIS RECORRENTE, expressa de diversas maneiras e talvez reflexo de várias formas de escutar o chamamento, a MOÇÃO do serviço. Uma MOÇÃO que nos foi confirmada inclusive pela autoridade da Igreja. Na sua intervenção durante a Assembleia de Roma’79, o Padre Arrupe fez uma anotação, que quero citar na totalidade porque, mais uma vez, faz uma referência ao aniversário que estamos a celebrar: “Quando em 1967 se pediu à Santa Sé a transformação das Congregações Marianas em Comunidades de Vida Cristã, e a aprovação dos Princípios Gerais que haveriam de substituir as Regras Comuns de 1910, o motivo que justificava a petição não era outro que não este: ‘o melhor serviço’ à Igreja e a renovação conforme o espírito e normas do Concílio Vaticano II. Alegava-se que a transformação que era solicitada permitiria aos membros das novas Comunidades ‘consagrar-se, com maior simplicidade e eficácia ao serviço de Deus e dos homens no mundo de hoje’ [Carta de Aprovação do Cardeal Cicognani, 23.03.68]. E - salientava o P. Arrupe – “porque a Igreja entendeu que essa promessa era sincera e realizável, deu a sua aprovação”.

Com distintos nomes, o serviço – como concretização da Missão -, tem sido identificado sempre como uma MOÇÃO nas nossas Assembleias. Não repito a enumeração dos lemas, textos e conclusões de cada uma delas, já mencionadas anteriormente e sobre os quais há muita documentação. Para o executarmos temo-nos esforçado por criar comissões,



estabelecer grupos de trabalho e desenvolver diversas metodologias, como o DEAA que até hoje nos ajuda de maneira privilegiada a discernir as nossas atividades apostólicas. Temos vindo a reconhecer que, sendo uma Comunidade Mundial, é nossa responsabilidade atender aos grandes conflitos e problemas internacionais mais significativos, mas enquanto leigos não podemos descuidar as tarefas que, por meio da nossa atividade económica, política e ideológica, conduzem à transformação das estruturas sociais, e propiciam a dignidade e igualdade de todos os filhos e filhas de Deus.

**Como critério nascido do nosso carisma inaciano temos que responder sempre às necessidades mais urgentes e preferir os serviços mais universais e definitivos; sem perder a consciência da importância e da finalidade do quotidiano.**

Não quero alargar-me mais descrevendo outras qualidades ou expressões do nosso serviço; prefiro apontar como o mau espírito, em certas ocasiões, nos distrai do cumprimento deste mesmo serviço, ou daquilo que seja verdadeiramente 'o melhor serviço', o não reler ou discernir de novo à luz dos resultados, realizações ou dificuldades e o não deliberar juntos como continuar, o que retomar ou o que deixar... há serviços que ficam na fase de planificação ou de aprovação de uma assembleia e não se realizam, ou interrompem-se sem avaliar ou rever o vivenciado; e isso é a ação do mau espírito, porque não retomamos o caminho percorrido e a presença de Deus neste caminhar: 'Recorda Israel'.

E quando perdemos de vista que o nosso serviço é consequência da Missão, e não da nossa própria iniciativa, perdemos também uma imensa *dádiva trinitária*: a dádiva de *o Pai nos associar à sua obra criadora* no progresso e conservação do mundo e da nossa Casa Comum, a dádiva de nos colocar com *o Filho, que nos convida a ir com Ele* como companheiros e companheiras; e que só podemos concretizar adequadamente se nos *deixarmos, abertos, conduzir pelo Espírito* através de uma "encarnação" para fazer redenção; que se concretiza, se discerne e se relê, com a liberdade do terceiro binário... e com o desejo profundo de viver o esforço quotidiano do terceiro caminho de amor – a humildade.

O novo nome que o Senhor nos deu, há cinquenta anos, implica uma vocação, uma missão e uma identidade: Comunidade de Vida Cristã.

Comunidade porque o que nos reúne como corpo não é um impulso pessoal ou um desejo de nos agruparmos de maneira arbitrária; o que compõe a comunidade inaciana é a partilha de vocações pessoais que nos levaram a cada um a ser *amigo ou amiga de Jesus* e esta relação pessoal com Ele é o que nos congrega – tal como aos companheiros de Paris – como *amigas e amigos no Senhor*.

Comunidade de Vida porque o que partilhamos é a vida verdadeira, aquela que Deus nos comunica pelo seu Espírito.

Comunidade de Vida Cristã porque partilhamos a nossa vida cristã, aquela que Jesus nos comunica e que nos leva, alegres, à comunhão com a Igreja com a qual queremos sentir verdadeiramente. Porque Cristãos foi o nome dado aos primeiros discípulos comprometidos com um estilo de vida que anuncia a boa notícia a todos – judeus ou não – e este anúncio tem impacto social (Atos 11, 26).

Ao tomarmos consciência e ao dar-mo-nos conta dos laços que entre nós eram, e são, muito mais profundos do que os de uma Federação, experimentamos fortemente a MOÇÃO de reconhecer a nossa essência comunitária não apenas nas nossas pequenas células, mas também ao nível mundial. Descobrimos, com alegria e gratidão, que o Senhor nos chamava a formar uma única comunidade laical, exercitada nos exercícios que Deus deu de presente à Igreja por meio de Inácio de Loyola; numa comunidade na qual – como Jesus – reconhecemos Maria como nossa mãe, na qual cuidamos carinhosamente uns dos outros respeitando a singularidade de cada um, partilhamos a vida verdadeira procurando respostas novas a novas situações e somos enviados a continuar a missão universal de Cristo, enviado pelo Pai como seu servo ao serviço de todos: dar a boa nova aos pobres e libertar os oprimidos e entregar a nossa vida até à morte pela Sua causa.

Os enganos com que o mau espírito, por vezes, nos tenta consistem em considerarmos a comunidade como uma meta e não como um meio privilegiado que nos é oferecido pelo Senhor; e acredito que, sem descuidar os processos comunitários, temos de ter especial cuidado no acompanhamento e ajuda dos processos pessoais daqueles que chegam às nossas pequenas comunidades e que precisam de apoio para crescer na sua vocação pessoal, de modo que, a seu tempo, possam comprometer-se pessoalmente diante de Deus como membros da Comunidade Mundial de Vida Cristã e com o estilo de vida que esta pressupõe.

Porque somos conscientes de que participamos não apenas na vida de Deus, mas também do pecado do mundo, aceitamos esta realidade com liberdade interior; queremos converter-nos e, nesse caminho de conversão, ir reafirmando os nossos ideais confiados em Deus, em Cristo e em Maria que, em formas distintas mas todas reais, venceram o mundo; e, por isso também, conservamos o nosso nome, que é um dom, um desafio e um lema: “Comunidade de Vida Cristã”.

Um elemento característico da nossa espiritualidade, que enriquece particularmente a nossa Comunidade, é o companheirismo: na CVX reconhecemo-nos como ‘companheiros e companheiras de Jesus’.

Hoje, ao reler e contemplar a nossa vida, evoco também agradecida a inseparável história de companheirismo apostólico com a Companhia de Jesus, para um maior serviço e glória de Deus.

Como dizemos no documento sobre o Carisma CVX: partilhamos com os nossos irmãos jesuítas a herança comum dos Exercícios Espirituais, a riqueza de uma longa tradição e o desejo de entregar a vida, em missão, ao serviço dos outros. Depois de ouvir o P. Kolvenbach dizer que foi a Companhia quem decidiu servir a CVX, a Assembleia de Nairobi expressou, num anexo ao documento conclusivo, um agradecimento por todo o serviço de liderança e acompanhamento prestado durante os anos fundacionais e de desenvolvimento e a nossa esperança de continuar a caminhar em companhia fraterna, partilhando da mesma espiritualidade e potencialmente da mesma missão, que ambas as instituições entendem como brotando das profundezas e querem discernir das raízes *para em tudo Amar e Servir*.

No dia da sua eleição, o Papa Francisco comentou que os cardeais tinham ido buscá-lo ao ‘fim do mundo’. E também ouviu o seu chamamento: ‘deixa a tua pátria, deixa a tua maneira de viver, deixa as tuas seguranças’, e também recebeu ‘**um novo nome**’ que confirma a sua



vocação, identidade e missão. O nome 'Francisco' diz da sua opção pelos pobres e por uma maneira austera de viver, diz do amor profundo à Igreja e escuta o envio: "restaura a minha igreja"; diz do cuidado com a natureza e com a Casa Comum, diz da alegria e misericórdia, as grandes duas linhas que atravessam e permeiam todas as suas mensagens e documentos ['alegria do evangelho', 'alegria do amor', 'alegrai-vos e exultai', 'O rosto da misericórdia',...].

Hoje nós, que ouvimos as suas mensagens e as suas orientações que nos enchem de felicidade, nos iluminam e nos desafiam, ao mesmo tempo que nos enchem de esperança no anunciar desta nova era de *kairós* eclesial, chegámos à sua pátria – 'até ao fim do mundo' - procurando perceber como ser '*UM DOM PARA A IGREJA E PARA O MUNDO*'.

Temos presente que este *dom de Deus para nós* nasceu de uma mulher: Maria, Nossa Senhora, que associada a nosso Senhor é nossa mediadora, mãe e modelo do nosso serviço, da nossa liberdade e da nossa comunidade; de quem aprendemos a fragilidade dos nossos planos e a abertura ao Espírito, a fidelidade ao Pai, a dedicação a Cristo e à sua causa; e os valores que, como ela, também nós queremos anunciar ao mundo: a vida familiar, a dignidade do trabalho, a sobriedade e simplicidade no estilo de vida, o amor e cuidado pela nossa Casa Comum e o amor e dedicação à Igreja.

Sob a sua proteção, reunimo-nos em Buenos Aires para celebrar um novo encontro comunitário de discernimento, em atitude de busca. 'Buscadores' itinerantes, continuamos em peregrinação, confiando na promessa, como até agora, de que somos levados a perseguir aquele sonho nascido do chamamento que mudou o nosso nome e nosso estilo de vida.

O Bom Espírito tem guiado o nosso processo de preparação. Hoje, como Abraão ao subir ao monte, estamos dispostos e dispostas a entregar-lhe tudo, com total confiança, abandonados na sua promessa, com liberdade de afetos, de apegos, indiferentes, "Deus proverá", procuramos e desejamos apenas o que mais nos conduz a Deus como centro e como tudo: "*Dá-nos Senhor o teu amor e graça, que isso nos basta*".

